



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

AG

O ESTADO DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 2023

ESPAÇO ABERTO

O semelhante cura o semelhante

Paulo Delgado

Adeptos da homeopatia, a Rainha Elizabeth, Paul McCartney e Bill Clinton são sua melhor propaganda. Tente supor quais as principais manchetes médicas da última edição da imprensa mundial com o neologismo da vida na Terra derretida pelo calor. Certamente, se resumiriam a cinco boas notícias sobre saúde dos últimos 3 mil anos: *Nasceu a acupuntura; Descobriram a homeopatia; Inventaram a psicanálise; Criaram a penicilina; Transplantaram um coração.*

Originado em sistemas humanistas cuja vocação é se dedicar a escutar o sofrimento e ajudar as pessoas a restabelecer a saúde, sem as distrações que a medicina biotecnológica produziu no corpo e na mente, só deveria ser permitido o exercício da medicina a quem confia na energia vital do corpo posta em liberdade para agir sobre as moléstias. A pretensão obsessiva de curar você de si mesmo que a medicina industrial pratica é uma boa oportunidade para se decepcionar com quem a defende. Médico é quem se recusa a ver um só sintoma e não anula a missão do corpo e do desejo de viver e vencer os fenômenos mórbidos que cercam nossa vida.

A esperança de viver é mais

forte do que pode imaginar a má medicina, e em muitos casos morre-se primeiro na UTL. Mas o jeito *Revista Caras* da inteligência atual está com a corda toda e faz crescer a disposição para falar bobagens e embarcar no *blan* de conquistar e destruir do cavador. Desfalecido de rir, aguarde o pau na fonaudiologia, gelo na contusão, dedo no pulso para medir pressão, emplastro de tofu. A isca da denúncia não desmoraliza o anzol da criação nem confere ao boato a cortesia da verdade da opinião. A ciência poderia anunciar uma exuberante persistência vital, mas o uso torto do seu nome faz a vitalidade e a alegria desaparecerem dos corações. As ambições da ciência são indiferentes sobre o que será do mundo. Aborrecida com o espírito de liberdade e a perigosa aventura da ideia natural, ela vê o diferente como antagonista do progresso. E se coloca acima da vida do outro, por não estar à altura dela.

Há um quê de deleite em falar mal do que não é carceral, interdição e poder. E há um aspecto sombrio nos estudos que exalam raiva da liberdade afrouxando as exigências da medicina sobre si mesmo. Em qualquer profissão, conselhos corporativos sem controle externo são cartórios privados.

A gloriosa inventividade da medicina popular não é cativa do jugo bruto do poder médico, embora sofra ataque de quem se dispõe a desmoralizar a medicina milenar

Vítimas conhecem melhor o que se fez delas. Estão aí as mortes provocadas por drogas legais e erro médico. Um escárnio que se tornou a parte que o povo menos vê e o que mais sente.

O que é a vida, o que é a matéria médica, Deus que nos acorde de tirar proveito de dissorter o direito. De onde vem esta condenação sem apelo às sessões demoradas de anamnese, médicos reliquia que tocam nos pacientes, acompanham famílias, crianças, idosos, seus odores, alucinações do olfato e

dos humores. Acreditam no tratamento conservador das fraturas, conhecem os meridianos do corpo, sabem por que alguém tombou do lado errado, médicos que não são sócios de laboratórios e cirurgias. É carnavalesco não serem considerados ciência doses fracas, diluídas, agulhas, pomadas, infusão, alimentos convenientes – sólido na moléstia crônica, líquido nas agudas –, defesa intransigente da higiene. Dinamizações variadas, embrocagens, talcos, supositórios, dietas. Uma equilibrada dose de nuxvômica ajuda bem aos impulsivos temerosos de fracasso.

A homeopatia não está na farmácia popular pelo mesmo motivo que os ansiolíticos, anticonvulsivantes, antidepressivos e antipsicóticos também não estão. As práticas integrativas e complementares ameaçam a farmacoeconomia e irritam seus sócios *prêt-à-porter*. O que precisa ser preservado é a alta costura da saúde da população, a *avant-garde* de quem sabe do sucesso do diagnóstico que transcende a medicina que não foi sequestrada pela ciência.

A gloriosa inventividade da medicina popular não é cativa do jugo bruto do poder médico, embora sofra ataque de quem se dispõe a desmoralizar a medicina milenar. Não é para

impedir, é para tirar a confiança. Profissão e vocação são coisas diferentes, confusão de quem quer encantar o Ministério da Saúde para tentar desmoralizar a liderança do não médico, como foi José Serra e, agora, é Nísia Trindade.

Disparates? Com tantas coisas para enriquecer nosso povo, como se não as tivesse, o Brasil verídico é um estrondoso sucesso de fraudes encaixadas no baralho do poder. Objeto cobiçado, a sabedoria popular e dos menos deslumbrados com antibiótico e bisturi não perdeu seu atrativo. Não é dos consagrados saberes medicinais que o povo usa que o crítico não gosta, é do povo mesmo. Estudo médico com tom de julgamento civil aponta para doença das condutas, insinua interdição e perda de direitos.

Na riqueza das farmácias se descobre o segredo dos críticos da medicina milenar. Na vida real de quem precisa e recorre sem preconceito aos dois modelos de medicina, a balança nos diz que os defeitos da qualidade da alopatia, drogaria e psiquiatria são maiores que a qualidade dos defeitos da homeopatia, acupuntura e psicanálise. ●

É SOCÓLOGO
E MAIL: CONTATO@PAULODELGADO.COM.BR